

A dramaturgia para a infância: propostas e caminhos para a leitura em sala de aula

The dramaturgy for childhood: proposals and ways of reading in the classroom

Josué Rodrigues Frizon¹

Resenha da obra:

GRAZIOLI, Fabiano Tadeu. Teatro infantil: história, leitura e propostas. Curitiba: Positivo, 2015, 139 p.



E-ISSN: 2358.6958

¹ Doutorando em Letras na Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Professor na Faculdade da Associação Brasileira de Educação (FABE), nas disciplinas Literatura Infanto-juvenil e Fundamentos da Língua Portuguesa. Também é professor no Colégio Gabriel Taborin e no Colégio Franciscano Cristo Rei de Marau/RS. E-mail: josuefrizon@bol.com.br

Um manancial de possibilidades! Assim pode ser considerada a obra *Teatro infantil: história, leitura e propostas*, organizada por Fabiano Tadeu Grazioli, contendo artigos de Regina Zilberman, Celso Sisto, Marta Morais da Costa, dele mesmo, Fabiano Tadeu Grazioli, e de Maria Helena Kühner. Isso porque os textos, tendo sido assinados por intelectuais com notoriedade em variadas áreas ligadas à literatura, podem e são endereçados não só a leitores em formação acadêmica, mas também e principalmente a professores, agentes culturais, bibliotecários, entre outros interessados. “Um manancial” porque as reflexões realizadas nos permitem adentrar bibliograficamente no mundo da dramaturgia para a infância, além de observar e agir com suas inúmeras possibilidades de trans(formar).

O objetivo da referida obra é claro e está exposto logo na sua segunda página: a apresentação de caminhos para se trabalhar com o texto dramático em sala de aula. No entanto, penso que o material apresentado vai muito além disso, pois não só indica percursos, como dá ao leitor uma boa base teórica e historiográfica a respeito do assunto, prevendo assim possibilidades adequadas para o seu manuseio. Nesse sentido, permitindo ao seu principal interlocutor, ao meu ver o professor, um conhecimento ampliado para realizar um trabalho significativo, que seja capaz de aproximar e formar leitores deste gênero literário.

O primeiro artigo, intitulado “Teatro para crianças e jovens: questões históricas e caminhos criativos”, de autoria de Regina Zilberman, faz um resgate bastante pertinente e necessário da história do drama como gênero literário. No texto se realiza um caminho desde Atenas, no século V a.c., citando nomes como Ésquilo, Sófocles, Eurípedes e Aristófanes, passando por grandes nomes da dramaturgia como William Shakespeare e Gil Vicente até chegar no Brasil, abordando nomes como José de Alencar, Castro Alves, Machado de Assis e Nelson Rodrigues. Sobretudo, trata a respeito do início da arte dramática pensada para crianças no país.

Embora o teatro tenha estado presente nas sociedades mais desenvolvidas culturalmente, na antiguidade, fica evidente que havia a nula ou quase nula participação ativa do público infantil em seu meio. É preciso, de acordo com Zilberman, lembrar que a tardia cultura da infância, assim como aconteceu com a literatura infantil e juvenil, possibilitou essa ausência de sua participação, de olhar, de inserção, de mediação.

Seguindo o percurso historiográfico apresentado pela autora no texto, sabe-se que em nosso país as primeiras produções literárias do gênero para crianças e os primeiros responsáveis por isso são Figueiredo Pimentel, com a publicação de *Teatrinho Infantil* (1897); Olavo Bilac e Coelho Neto com *Teatro Infantil* (1905). Tais textos nasceram em volta a um teor moralizante e contendo objetivos pedagógicos.

Estes foram sucedidos por obras de autoria de Lúcia Benedetti, Júlio Gouveia e Tatiana Belinky (os dois últimos, fundadores do Teatro Escola de São Paulo e responsáveis pela adaptação de narrativas de Monteiro Lobato para a televisão), considerados os primeiros grandes nomes da arte dramática para tal tipo de público. Na sequência, cita-se outro grande nome da dramaturgia: Maria Clara Machado, que publicou obras famosas a exemplo de *O cavalinho azul* (1960). E, ainda, Chico Buarque de Holanda e Ivo Bender, os quais tiveram obras proibidas de circulação durante o regime militar sofrido no Brasil.

É fato que os caminhos que levaram à produção do teatro pensado para crianças, não propriamente com objetivos unicamente pedagógicos ou de entretenimento, mas como gerador de possibilidades reais de apropriação e de identificação, foram tortuosos. Porém, as possibilidades de se trilhar novos caminhos, contribuindo para que este tipo de texto seja um grande aliado em sala de aula, são muito maiores e, ousado dizer, necessárias.

Celso Sisto, por sua vez, apresenta o texto "O gênero dramático e suas particularidades". Nele, inicialmente, o autor traz a afirmação da possibilidade de transformação, da catarse, que o teatro pode causar no espectador. Aliás, acredito que esse seja um termo de grande significância ao se pensar no trabalho com o gênero em sala de aula: o poder de impactar, de atrair, de fisgar para a cena e para as múltiplas possibilidades de que ela dispõe.

O escritor também delinea um percurso historiográfico a respeito do teatro pensado para o público infantil no Brasil. Para isso, inicia citando desde José de Anchieta, que de acordo com sua concepção é já um precursor deste tipo de texto, e vai até Lúcia Benedetti, Pernambuco de Oliveira, Tatiana Belinky, Júlio Gouveia, Maria Clara Machado e Sylvia Orthof. Entre suas observações, Sisto faz questão de mencionar aspectos positivos na criação de uma peça teatral por parte do autor, tais como uma tomada de consciência do mundo que o cerca e do qual faz parte.

Na continuidade de sua escrita, o autor do artigo e escritor de literatura infantil e juvenil, aborda de modo mais específico o trabalho com o teatro em sala de aula e, para tanto, apresenta as características de tal gênero. Não obstante, comenta a respeito do modo como esse tipo de texto pode ser trabalhado, lido, encenado. Ainda, traz exemplos de textos e menciona a possibilidade que se tem, na utilização do teatro, de levar o ser humano a, de forma lúdica, apropriar-se da realidade.

Marta Morais da Costa, autora do terceiro artigo, apresentado na obra, intitulado "Coordenadas para a leitura de textos dramáticos", nos leva a refletir a respeito da leitura do texto dramático. Para isso, divide suas considerações abordando sobre o autor de uma obra; seu leitor; a possibilidade de análise da estrutura do texto; o papel das personagens; e a interpretação do espaço e do tempo.

No primeiro caso, o do autor, menciona-se que é a "mente criadora da história". É ele quem vai pensar no texto lido, falado, interpretado pelo público a quem se dirige, sejam atores ou espectadores. É por meio da ação do autor que a narrativa se funda. E é por meio das manobras por ele realizadas que o leitor poderá "inferir sentidos". Já em relação a esse leitor, ou a um leitor no geral, citam-se as deficiências no trabalho com a leitura nas escolas, atividade que ainda pouco ou quase nunca existe, o que não acalenta a tarefa que há de formar novos leitores de textos dramáticos e/ou literários.

No que tange à análise de estrutura do texto, destaca-se principalmente a necessidade de conhecimento do modo como estes se dividem (atos, quadros, cenas), para que se possa buscar um todo, organizado e mediado entre estas partes. Ainda, a autora adentra a significação de algumas palavras como ato e cena, buscando explicitar os vários sentidos em que cada uma pode ser utilizada dentro da dramaturgia.

Ao mencionar as personagens e o seu papel no teatro, essa autora faz uma retomada desde a utilização e significação das máscaras no teatro, elementos antiquíssimos e que se referem ao cômico e ao trágico. Também caracteriza a ação, elemento que está intimamente ligado à personagem. Após, passa a descrever as classificações em que se enquadram as personagens no nível psicológico, sendo elas: tipos, estereótipos e arquétipos. Os diálogos e/ou ações nos quais as personagens estão inseridas são necessários para que se compreenda “o estilo do texto” e “a apresentação das personagens”, de acordo com a autora.

No último, mas não conclusivo, item de sua escrita, Marta Morais da Costa tece considerações a respeito do espaço e do tempo. Para tanto, como em momentos anteriores de sua escrita, evidencia as diferentes versões que se pode dar à palavra tempo e espaço. Nesse contexto, em mais de uma oportunidade, é lembrada a importância da rubrica na leitura de um texto do gênero dramático. Isso, pelo fato de que com a ajuda delas o leitor pode ir por ele mesmo tecendo outros sentidos e buscando outras significações com relação a todos os itens especificados acima. E, nesse sentido, enfatizo que buscar novos significados, dar uma nova ou primeira roupagem a um texto lido é exercício prazeroso e emancipador não só para crianças e jovens, como também para adultos de todas as idades.

Seguindo na mesma linha de pensamento dos demais autores dos textos aqui abordados, Fabiano Tadeu Grazioli nos apresenta “A leitura dramática e o jogo teatral na escola”, artigo em que mostra domínio de conteúdo, não só teórico a respeito do tema de que trata, mas igualmente prático, tendo em vista que é professor de Educação Básica e diretor de teatro, e realiza trabalhos significativos de mediação de leitura nos locais onde atua.

Como o próprio Fabiano menciona, seu texto propõe indicar caminhos. Não são, obviamente, receitas, mas possibilidades de se trabalhar com o texto dramático em sala de aula de modo a gerar um envolvimento completo do leitor. Assim sendo, aborda um primeiro item: a leitura dramática ou dramatizada. Com embasamento teórico de autores que se dispuseram a sistematizar e estudar essa atividade, trata da questão primeira de seu artigo. Enfatiza, de forma direta, na sequência, aquilo que de certo modo os autores dos artigos anteriores já haviam nos induzido a pensar: o professor não só pode como deve oferecer leitura dramatizada a seus alunos.

Mas a tarefa do educador, quando do trabalho de leitura de um texto dramático, não é tão simples assim. É preciso acionar o conhecimento prévio que se tem dos educandos para poder pensar em atividades motivadoras de leitura ou de exercícios que envolvem a arte dramática. Para tanto, Fabiano menciona os jogos teatrais, aborda seu surgimento, com Viola Spolin nas décadas de 1940 e 1950, e as premissas fundamentais para a sua realização, a saber “Quem?”, “Onde?” e “O quê?”. A novidade que o autor propõe, é que a estrutura dos jogos teatrais seja aproveitada dos textos dramáticos destinados à infância e à juventude. É assim que o texto tem prosseguimento com a indicação de importantes textos infantis e juvenis da dramaturgia: *O menino detrás das nuvens*, de Carlos Augusto Nazareth, *Festa no céu*, de Maria Viana, *O cavalinho azul*, de Maria Clara Machado, *Bonequinha de pano*, de Ziraldo, *A herança*, de Olga Reverbel, *As aventuras de um Diabo Malandro*, de Maria Helena Kühner,

Uma ratinha apaixonada, de Júlio Emílio Braz, *Os meus balões: o incrível encontro de Júlio Verne e Santos Dumont*, de Karen Acioly e *A rosa que gira a roda*, de Flávia Savary. Além de indicá-los, o autor exemplifica como o enredo das obras pode dar margem à criação de jogos teatrais, relacionando uma série deles para que o leitor se motive e os proponha nas suas atividades de formação de leitores ou então, passe ele mesmo a buscar na dramaturgia tal possibilidade. Estas são algumas das indicações para os professores, que têm acesso a esse compêndio de informações, utilizarem em seus trabalhos de formar leitores de textos dramáticos. O papel do professor mediador é de suma importância para que isso ocorra na escola, as aulas de artes, de português, de literatura, (ou ainda em outros momentos e disciplinas) se tornem mais significativas na vida dos estudantes.

Por fim, temos o texto "Caminhos e critérios para a criação de um acervo de teatro infantil", de autoria de Maria Helena Kühner. A autora, com ampla formação em várias áreas relacionadas ao público infantil e juvenil menciona um trabalho árduo (realizado entre 1996 e 2006) mas profícuo que coordenou: a organização do Catálogo de Dramaturgia Brasileira, que proporcionou a análise de 5.500 peças teatrais brasileiras, onde teve a oportunidade de visualizar textos "bons" e "não tão bons".

Em sua escrita, menciona também dois aspectos importantes de serem observados: os percalços históricos do teatro infantil brasileiro, fato igualmente observado por Regina Zilberman, e aborda um aspecto positivo e ao mesmo tempo contrário ao primeiro, que está relacionado à, na atualidade, uma maior possibilidade de publicação de obras destinadas às crianças e adolescentes.

Para Maria Helena, o que concordo, isso tendo em vista o período social e econômico do ano de publicação do artigo, 2015, o texto dramático chegava/continua chegando com mais frequência às escolas. E é essa uma necessidade, por meio de programas governamentais, que temos de munir os professores de acervo mínimo para que possam realizar trabalhos significativos de mediação de leitura.

Na última parte do artigo que ora anuncio, a autora traz uma significativa seleção de obras e autores que podem constituir "Uma estante de teatro infantil". Entre as dezenas de textos indicados, estão *A viagem de um barquinho*, de Sylvia Orthof, *Fazendo Ana Paz*, de Lygia Bojunga e *Meus olhos são teus olhos*, de Flávia Savary, entre outros.

Ao longo da leitura prazerosa, dinâmica e eficaz que pude realizar da obra *Teatro infantil: história, leitura e propostas*, evidenciei aquilo que, também como professor de educação básica e estudante das letras venho percebendo: a formação de leitores literários e sobretudo, neste caso, de leitores do gênero dramático, sejam eles crianças ou jovens, em sala de aula, deve ocorrer e pode contribuir para que a escola se torne aos olhos destes mais atrativa, dinâmica e solícita. O trabalho de mediação na leitura dramatizada ou encenada de uma peça de teatro pode render bons frutos. É preciso, entretanto, que todo professor que se dispõe a realizar esse trabalho tenha em mente a necessidade de conhecimento de um bom acervo de obras, de uma teoria mínima que o auxilie a construir caminhos significativos, gerando bons frutos e sobretudo, vontade de formar pequenos e grandes leitores críticos e conscientes da nossa realidade social. É necessário que se queira um mundo melhor para todos,

afinal, é essa a nossa real luta. O professor tem muito a fazer, a começar pela leitura, verificação e utilização da obra que me propus a resenhar. Mãos à obra! Temos um manancial de possibilidades!

Recebido em: 30/06/2019

Aprovado em:17/07/2019